

## ALIMENTAÇÃO E "ARTE" RUPESTRE: NOTA SOBRE ALGUNS GRAFISMOS PRÉ-HISTÓRICOS BRASILEIROS

*André Prous\**

**RESUMO:** As técnicas de caça são evocadas, na Tradição Planalto, através da representação de animais flechados cercados por pequenas figuras antropomórficas esquematizadas. Há possíveis representações de armadilhas (cercados), de pesca com linha e rede.

A Tradição Nordeste mostra a captura manual de pequenos animais e de porcos selvagens, com dardos. Propulsores e flechas com farpas são frequentes na Tradição São Francisco. Nota-se a ausência do arco na arte rupestre do Brasil.

Coleta vegetal e plantas cultivadas são representadas no vale do Peruaçu(MG) e perto de Caiapônia(GO): raízes, tubérculos, milho, coqueiros, cactáceas e anonáceas. Instrumentos de coleta e preparação dos alimentos aparecem nas tradições São Francisco e Nordeste: paus de cavar, cestas, pilões, prensas para mandioca e cerâmica no fogo.

Desta forma, a captação, o transporte e o preparo dos alimentos encontram-se documentados em cenas que podem tanto lembrar a vida cotidiana ou o alvorecer mítico, quando os heróis culturais ensinavam ao homem os meios de subsistir no mundo recém criado.

### INTRODUÇÃO

As leituras de arte rupestre oscilam entre tentativas de interpretação do seu significado (típicas da primeira metade do século XX, mas que conhecem hoje uma nova popularidade) e à simples descrição mais ou menos sistemática, passando pela procura de possíveis regras associativas entre as figuras. Independentemente destas tendências metodológicas, é possível extrair dos grafismos informações concretas sobre a vida cotidiana de seus autores, a partir da identificação das figuras naturalistas.

Faremos, neste artigo, um levantamento das representações que parecem ligadas à captação alimentar e ao preparo da comida, nas diversas tradições rupestres

do Brasil. As figuras pintadas, geralmente mais legíveis, forneceram informações mais ricas que as gravadas.

## I. A ALIMENTAÇÃO DE ORIGEM ANIMAL

### 1) A caça

As verdadeiras cenas de caça (com representação dos caçadores e do animal caçado) são raras. Provavelmente seja a Tradição Nordeste que apresenta o maior número de casos, com um detalhamento anecdótico (personagens com posições e atitudes diferenciadas) enquanto a Tradição Planalto (São Paulo e Minas Gerais) apresenta imagens "secas" de conteúdo mais alusivo (animal flechado, sem figuração realista dos caçadores). Trata-se apenas de lembrar o conceito de caça, não de descrever uma ação real. Em ambos os casos, podemos às vezes identificar os animais perseguidos e as técnicas de captura.

#### Captura manual

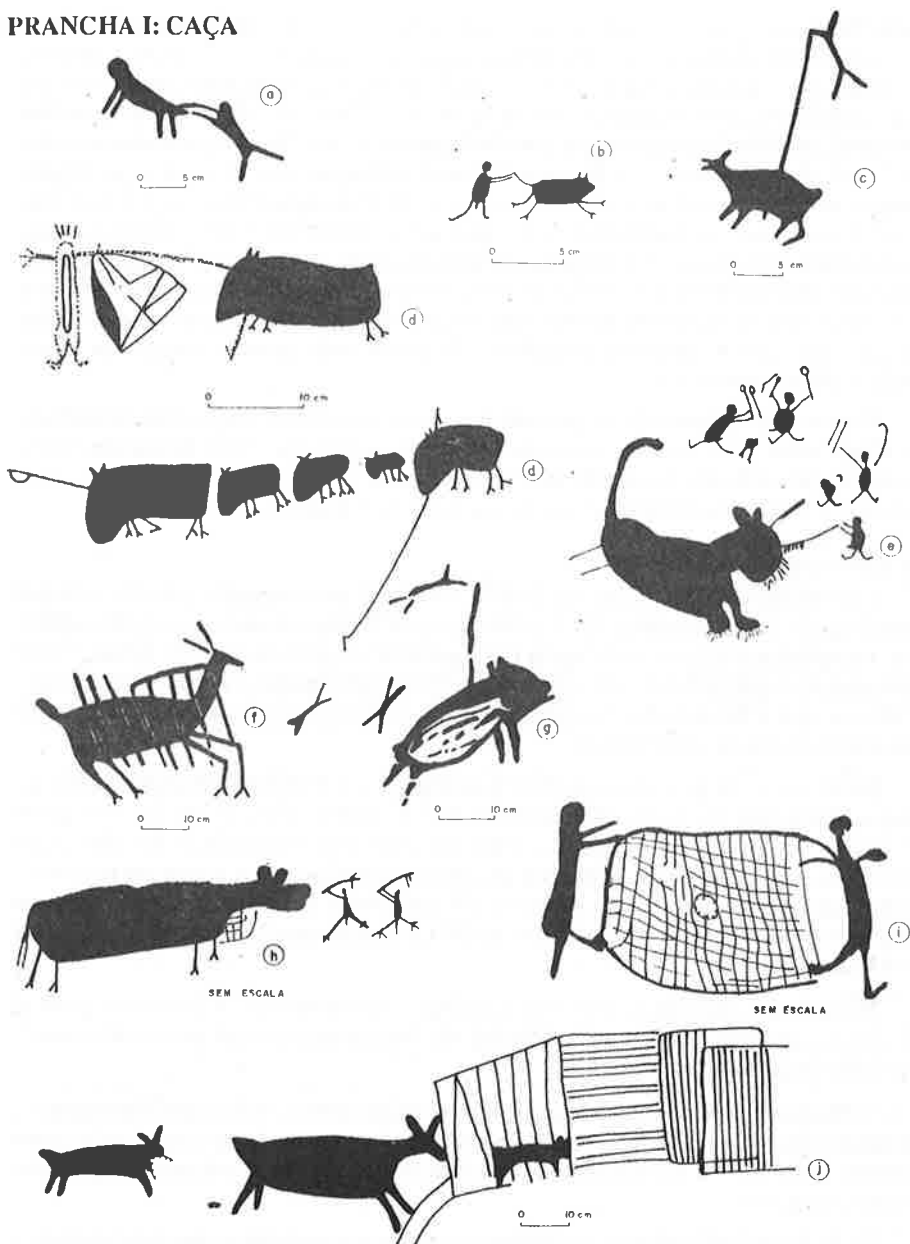
Frequente no Piauí (sub-tradição Várzea Grande da Tradição Nordeste - Ogel Ross: 66), aparece também entre os grafismos da mesma tradição no Norte de Minas Gerais (Lapa do Janelão, Vale do Peruaçu). Às vezes o animal caçado é de pequeno porte, provavelmente um tatu (Toca do Salitre e da Entrada do Baixão da Vaca - Pi (Monzon: 43); o antropomorfo geralmente parece segurar o animal pelo rabo; a atitude da presa pode evocar tanto a corrida, como uma posição estática. Na Toca do Salitre, uma figura que lembra uma mão encontra-se em contato com o rabo do animal, talvez evocando o caçador.

É interessante notar que o animal e o antropomorfo podem não ter sido pintados ao mesmo tempo, como sugere Consens (*op. cit.*, fig. 2) com a possível transformação de uma figura isolada de animal em elemento central de uma cena de captura. Neste caso, o animal é um cervídeo (Toca da Chapada dos Cruz, Pi).

#### Captura com lança

São mais típicas da Tradição Planalto, desde São Paulo (Itapeva) até Minas Gerais, onde o animal caçado é geralmente um cervídeo (Lagoa Santa, Serra do Cipó, Serra do Cabral) podendo ser, mais raramente, um porco do mato (Lagoa Santa) ou um tatu (Serra do Cabral), identificado como tamanduá, por Seda & Andrade: 358). Os animais podem ser apenas flechados (fórmula que aparece também em Itapeva, SP; Aytai *op. cit.*) ou, mais frequentemente, serem associados a figuras zoomorfas muito esquematizadas, uma das quais segura uma vara fincada no dorso do bicho. Segundo o estilo, a(s) pequena(s) figura(s) humana(s) pode(m) ser do mesmo tamanho que a caça, neste caso muito esquematizada (Lapas da Escrivania e Caucaia, ao norte da região de Lagoa Santa) ou ter um porte bem mais avantajado (Serra do Cipó e região central de Lagoa Santa) com os cervídeos muitas vezes maiores que seus caçadores. Quando uma figura antropomorfa segura o dardo, encontra-se acima da linha dorsal do animal, enquanto os outros caçadores distribuem-se ao redor do corpo e, particularmente, na frente da presa (Samambaia, Cocais). Em Caiapônia (GO), não encontramos nenhuma representação de animal flechado entre as 110 figurações de quadrúpedes reproduzidas por Schmitz

PRANCHA I: CAÇA



a) Lapa do Janelão, Peruaçu/MG. Documento UFMG "captura manual". b) São Raimundo Nonato, Piauí. Segundo Monzón, op. cit p. 55. "Captura manual". c) Escrivania, Lagoa Santa/MG. Documento UFMG. Animal flechado por um antropomorfo. d) Toca do Salitre, Piauí. Segundo Ogel-Ros, op. cit p. 82. Porcos feridos com lança. e) Toca do Baixão, Piauí. Segundo Pessis, op. cit pr. 3 (reprodução parcial). Caçada à onça. f) Santana do Riacho (Serra do Cipó), MG. Documento UFMG. Cervídeo e grade. g) Cerca Grande (Lagoa Santa), MG. Documento UFMG. Porco flechado. h) Central, Bahia, segundo Bigarella e Beltrão, op. cit. Animal atacado com tacapé? notar a "grade" associada. i) Serra das Cavernas (Paraná), segundo Blasi e Laming & Empeaire, op. cit. Cervídeos entrando num cercado?

e alii. No Piauí, grafismos atribuídos ao estilo Serra Branca da Tradição Nordeste representam também animais flechados, como a onça da Toca do Baixão (Pessis, pr. 3) ou os porcos da Toca do Vento (Ogel - Ross: 82); neste caso, os dardos são mais detalhados, mostrando a existência de uma farpa distal e de um apêndice proximal, de difícil interpretação (corda de amarração). Nota-se a ausência total, no Brasil, de representações de arco. Em compensação, são frequentes as figurações de propulsor em São Raimundo Nonato - PI (Tradição Nordeste), Sete Cidades (PI) e no norte de Minas Gerais (Tradição São Francisco); neste último estado, o propulsor é geralmente representado com o dardo, associado (Peruaçu) ou engatilhado (Montalvânia), reconhecendo-se o gancho, o cordão para segurar a mão, e, às vezes um alargamento no meio da peça: triangular em Montalvânia, circular na Lapa do Janelão (peso de propulsor). O dardo pode possuir uma única farpa, ou duas fileiras simétricas.

Devemos no entanto frisar que não há cenas evidentes de caças com propulsor; no Piauí, esta arma parece utilizada em ações agressivas entre humanos. Cabe ressaltar que, etnograficamente, o uso parece restrito a duelos rituais; outrossim, Eckhout o coloca na indumentária de um guerreiro Tapuia, no século XVII.

#### As figurações zoomorfas

Considera-se que os indígenas brasileiros não se preocuparam em criar animais para finalidades alimentares, limitando-se a criar filhotes como animais de estimação, ou aprisionando aves selvagens para garantir o fornecimento de penas. Daí é fácil imaginar que as representações zoomorfas sejam ligadas à preocupações cinegéticas, e que a frequência das espécies reproduzidas poderia nos informar sobre sua importância na alimentação.

Neste caso, os cervídeos seriam dominantes na Tradição Planalto perto de Lagoa Santa (por exemplo, em Cerca Grande, reconhecemos 71 veados, dos quais 12 flechados, enquanto a segunda categoria mais representada, à das aves, tem apenas 8). Em Caiapônia, dominam os peixes, seguidos pelos coatis ou macacos: contamos 125 representações, sobre os 168 zoomorfos identificáveis. Os cervídeos e as aves dominam na Serra do Capivara (PI), totalizando 423 indivíduos num total de 615 animais identificados.

No entanto, antes de se recorrer a analogias fáceis do tipo "o homem reproduz a natureza que conhece" ou "o homem representa os animais que pretende comer", é preciso fazer algumas ressalvas:

1) Muitos grafismos que consideramos não figurativos poderiam tê-lo sido para os autores (por exemplo, losângulos representando o casco da tartaruga, triângulos opostos pelo vértice significando a vértebra do peixe, e por extensão, o próprio animal, etc.)

2) As frequências dos animais representados nos paredões não corresponde à dos restos alimentares nas escavações; por exemplo, nos abrigos de Santana do Riacho e do Boquete em Minas Gerais, foram consumidos muito mais tatus do que cervídeos, embora os últimos sejam bem mais numerosos que os primeiros na arte rupestre destes mesmos sítios.

### Captura com tacape

São raros os casos em que seja caracterizada a caça com **tacape** (clava) embora esta seja etnograficamente bem documentada, particularmente entre os Kaiapós. Podemos destacar uma cena registrada por Bigarella, Beltrão e Toth no município de Central (BA): um grande quadrúpede de forma maciça (interpretado pelos autores como um toxodonte, animal extinto) enfrenta figuras antropomorfas que levantam bastões talvez enfeitados por penas. Mais uma vez, os caçadores são muito menores que a presa, que parece associada a um sinal em forma de grade, a qual como veremos adiante, poderia evocar uma armadilha.

### Captura com rede e armadilhas

A. Laming e J. Emperaire descreveram em 1956, as pinturas da Serra das Cavernas (PR): "três animais caminhando em fila... os animais se dirigem para dois signos gradeados... o pequeno filhote que se encontra em primeiro lugar... penetrou completamente no primeiro... A cena sugere... um animal preso numa jaula ou armadilha. O pequeno animal representa talvez uma isca viva destinada a atrair outros animais".

Esta cena é mais sugestiva que as de Minas Gerais e Bahia, onde é frequente a associação de um veado isolado e de um sinal em forma de grade; é no entanto possível levantar a hipótese de que se trata da representação desta técnica de caça (Santana do Riacho - MG). Em compensação, não há dúvidas para interpretar uma cena de São Raimundo Nonato (PI): dois homens seguram uma grande rede, que pela raridade das representações de peixes e na ausência de rios permanentes na região, pode ter sido utilizada para caça e não para a pesca.

Embora não descrita nos relatórios etnográficos sobre indígenas do Brasil, a técnica de encurralar animais dentro de cercas ou redes é bem atestada nas Américas, particularmente nos Andes.

3) A dominância visual ou qualitativa (usando uma distinção de N. Guidon) de um grupo de animais varia em função da Tradição Rupestre, da região e até do sítio, segundo critérios certamente ligados à escolhas culturais e simbólicas. Podemos dizer que, no Peruaçu, as representações de animais são quase todas recentes, e ligadas mais à agricultores que a caçadores. Por outro lado, muitas grutas, localizadas no mesmo vale a pouca distância uma da outra apresentam um tema dominante diferente (tamanduás na Lapa do Índio, "aranhas" no Boquete, pernaltas e peixes na Lapa dos Desenhos, etc.), mesmo tratando-se de figuras atribuídas a uma mesma unidade crono-estilísticas. Quanto as aves, elas parecem ter sido introduzidas tardiamente na temática rupestre de Minas Gerais. Os zoomorfos frequentes podem ser tanto animais não comestíveis (centopéias e escorpião, no Peruaçu e na área de São Raimundo Nonato) quanto pouco interessantes como fonte essencial de proteínas (coatis na área de São Raimundo Nonato) ou ainda animais numerosos e de porte maior (veado). Em compensação, notamos a quase ausência, na Tradição Planalto de Minas Gerais, de representações de porco do mato e de anta, a presa favorita da maioria dos caçadores indígenas atuais.

Faltam também restos destes mesmos animais nos vestígios culinários dos sítios

mineiros, o que nos levou a pensar na possibilidade de uma proibição alimentar durante longo período de tempo nesta região.

4) São frequentes as pinturas que apresentam os animais em grupos com o macho, a fêmea e um pequeno (facilmente reconhecíveis, no caso dos veados) na Tradição Planalto. Na Tradição Nordeste por sua vez, são comuns alinhamentos: de porcos, de macacos ou coatis (Goiás, Piauí) ou de emas (ainda, no Piauí mas também no vale do Peruaçu).

Mais do que evocações de caça parece tratar-se de representações "familiares", de cenas do cotidiano da vida animal.

Assim sendo, devemos admitir que muitas representações zoomórficas possam referir-se a outras noções que a da caça: evocação de mitos, simbolização de grupos de parentesco, marcas de posse etc. Apenas os animais encurralados ou flechados devem ser considerados como referência a caçadas, reais ou míticas. Da mesma maneira, seria muito imprudente interpretar todos os "sinais gradeados" como armadilhas.

## 2) A pesca

A pesca foi a maior fonte de proteínas na floresta amazônica e no litoral e deve ter desempenhado um papel relevante nas outras regiões do Brasil. Restos de peixe são encontrados regularmente (embora em pequena quantidade, devido a sua fragilidade) nos restos alimentares dos sítios de Minas Gerais (Lapa Vermelha, Santana do Riacho, Boquete, Malhador, etc). No entanto, as representações de peixes são bem mais raras que as de vertebrados terrestres, e geralmente menos realistas. É difícil afirmar que todas se refiram a idéia de pesca: podem significar apenas a presença da água, como no abrigo Jaracussu, na Serra do Cipó (MG), onde as figuras se localizam acima de uma nascente, onde não há água suficiente para que se desenvolva uma população de peixes (P. Junqueira, comunicação pessoal). Existem no entanto algumas pinturas que indicam a captura de peixes.

Na Lapa Maior do padre Domingos (Jaboticatubas, MG), um desses animais fica ao lado do que parece ser uma representação de anzol (anzóis de madeira e osso foram encontrados em 3 sítios do centro mineiro). Em Santana do Riacho (Serra do Cipó, MG), um grupo de peixes encontra-se no meio de uma figura oval quadriculada que deve ser uma rede; é verdade que alguns animais terrestres encontram-se na mesma posição, mas parecem ter sido pintados em outro momento. A pintura mais espetacular encontra-se na Lapa Ponciano (PR) onde O. Blasi achou uma cena da pesca: uma figura antropomorfa segura uma vara de onde sai um traço perpendicular que termina no corpo de um peixe. No estado de Pernambuco, o sítio Peri-Peri I ostenta talvez outro exemplo de pesca com linha (Aguiar: 71). Representações de peixe sem sinal de captura são particularmente frequentes em certas províncias da Tradição Planalto: Alto Jequitinhonha e limite norte da região de Lagoa Santa, onde aparecem em grande número, por vezes formando alinhamentos; na Serra do Espinhaço, onde aparecem aos pares, enquanto são quase ausentes no centro da região de Lagoa Santa. Na Tradição P. Urubu do norte mineiro, existe uma representação de cardume em um único sítio, aparecendo, raramente, peixes isolados provavelmente ligados à Tradição São Francisco no

PRANCHA II: PESCA – INSTRUMENTOS



a) Lapa Ponciano, PR. Segundo Blasi, op. cit. fig. 25. Cena de pesca. b) Abrigo Peri-Peri, Venturosa (PE) segundo Aguiar, op. cit. Cena de pesca? c) Lapa do Pe. Domingos, perto de Lagoa Santa/MG. Documento UFMG. Peixe fígado e anzol? d) Santana do Riacho, Serra do Cipó/MG. Documento UFMG. Animais presos numa rede. Pintado em várias épocas. e) Instrumentos – Tradição São Francisco no norte de Minas Gerais. De esquerda para direita: 2 dardos com físgas; propulsor esquematizado com dardo (Lapa do Boquete, Peruaçu), outro conjunto, mais detalhado (ibidem); conjunto gravado, estilo Montalvânia; propulsor com peso, Lapa do Janelão, Peruaçu; pau de cavar? (Lapa dos Desenhos). Documentos UFMG. f) Conjunto pintado do sítio GO CP 33 segundo Schmitz et alii, op. cit, p. Antropomorfo, com pilão, mão de pilão, pau de cavar e recipiente? g) Conjunto de recipientes (cestas, sacolas e potes de barro?), sítio GO CP 33 & segundo Schmitz et alii, op cit. 191, 192 & 197. h) Antropomorfo com vara e sacola, segundo G. Martins. i) Lapa do Caboclo, Peruaçu/MG. Pote no fogo? Documento UFMG. j) Lapa do Malhador, Peruaçu/MG. Pote no fogo? Documento UFMG. k) Lapa do Malhador, Peruaçu/MG. Prensa para mandioca (tipiti). Documento UFMG.

norte mineiro e no estado da Bahia (município de Carinhanhã). Foram raramente representados pela Tradição Nordeste, tanto no Piauí quanto no vale do Peruaçu (MG). Nos abrigos de Caiapônia (GO) em compensação os peixes são os zoomorfos mais bem representados (contamos 84 deles, quase todos formando pares ou cardumes).

As representações, embora variadas, raramente permitem uma identificação dos animais; assim sendo, a tentativa de Seda & Andrade (*op. cit*) para reconhecer a fauna da Serra do Cabral (MG) foi recebida com muito ressalva pelos zoólogos que consultamos, e as pinturas por nós coletadas não foram julgadas mais diagnósticas.

## II. A ALIMENTAÇÃO DE ORIGEM VEGETAL

### 1) A coleta de vegetais

As representações vegetais são raríssimas na arte rupestre do mundo inteiro; o Brasil forneceu, no entanto, algumas pinturas inquestionáveis. Um tema típico da Tradição Nordeste é de um grupo de figuras antropomorfas ao redor de uma árvore, sugerindo um ritual, mas nada prova que este seja ligado a coleta. O vale do rio Peruaçu mostra representações de coqueiros com os cachos bem evidenciados; numa delas, uma personagem sobe com ajuda de uma corda: trata-se certamente da coleta de coquinhos, atestada arqueologicamente nos sítios pelo grande número de bigornas manchadas com óleo. Embora os coquinhos possam ser coletados avulsos no chão, quem quiser coletar em grande quantidade deve subir à árvore para retirar o cacho. As representações permitem reconhecer o coqueiro Buriti (Lapas dos Desenhos, do Malhador e do Caboclo) e outra forma (Malhador), provavelmente o guariroba, cujos coquinhos são abundantes no refugio alimentar arqueológico.

### Cactáceas

O mesmo vale do Peruaçu mostra representações de cactáceas, algumas inquestionáveis (Lapa de Rezar) outras, bem mais esquematizadas (Malhador, Cavalos) e que são lípicas da Tradição São Francisco (provavelmente, de uma fase tardia). Parece pouco provável que os antigos habitantes da região tenham precisado destas plantas para sobreviver à seca, já que o rio deve ter permanecido perene nos últimos milênios, mas as frutas são comestíveis e apreciadas pelas populações indígenas e caboclas. Algumas destas pinturas devem representar o mandacaru, frequente nas encostas pedregosas do vale. Nos abrigos de Caiapônia (GO), duas representações angulosas se parecem com as do Malhador, e são acompanhadas por desenhos de cestas, o que reforça a hipótese de tratar-se de vegetais com valor alimentar.

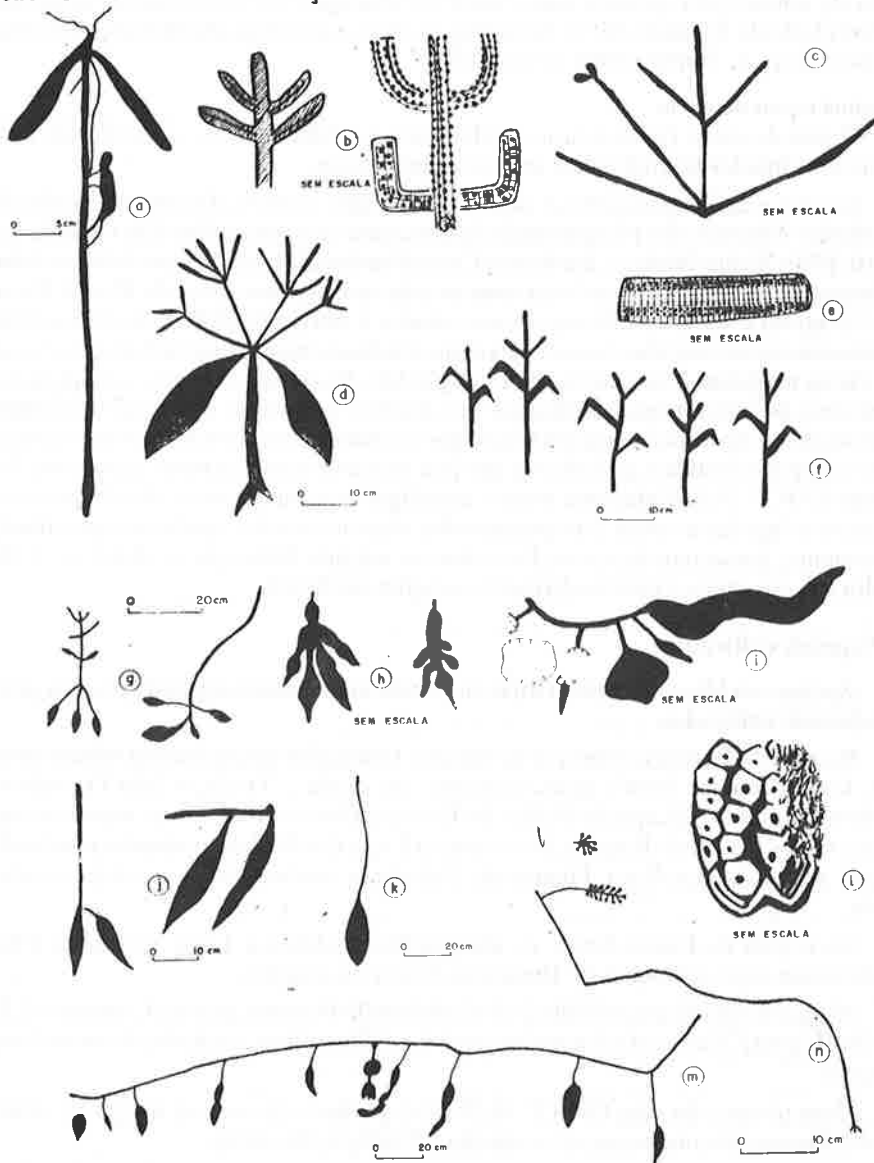
Um desses vegetais apresenta protuberâncias, talvez para sugerir os frutos.

Tanto no norte de Minas quanto na Bahia, são frequentes pinturas da Tradição São Francisco que evocam o Xique-Xique.

### Anonáceas

Conhecemos apenas uma representação de anonácea (pinha, araticum ou

PRANCHA III: ALIMENTAÇÃO VEGETAL



a) Laça do Malhador, Peruaçu/MG. Figura antropomorfa subindo num coqueiro. Documento UFMG. b) Cactáceas? (Xique-Xique e mandacaru?). Pinturas bicrômicas da Lapa de Rezar, Peruaçu/MG. Documento UFMG. c) Cactácea? Abrigo GO CP 33 Caiapônia. Segundo Schmitz & alii, op. cit. p. d) Coqueiro buriti. Lapa dos Desenhos, Peruaçu/MG. Documento UFMG. e) Espiga de Milho? Figura bicrômica Lapa de Rezar, Peruaçu/MG. Documento UFMG. f) Plantação de Milho. Lapa dos Desenhos, Peruaçu/MG. Documento UFMG. g) Plantas com raízes ou tubérculos. Sítio CP GO 16 e 33. Segundo Schmitz & alii, op. cit. p. 106, 187. h) Raízes ou tubérculos. Lapa do Piolho do Urubu, Peruaçu/MG. Documento UFMG. Provavelmente: mandioca. i) Mandioca? Lapa dos Bichos, Peruaçu/MG. Documento UFMG. j) Raízes Lapa do Boquete, Peruaçu/MG. Documento UFMG. k) Raízes ou tubérculos? Abrigo GO CP 33, segundo Schmitz & alii, op. cit. p. 191. l) Annonócea (araticum, fruta do conde). Lapa de Rezar, Peruaçu/MG. m) Amendoim (Arachis)? Gruta Rei do Mato, região de Lagoa Santa/MG. Documento UFMG. n) Vegetal, abrigo Casa Santa (RN), segundo MARTIN 1982. As pranchas foram desenhadas pelo autor.

fruta do conde); ela aparece num painel da Tradição São Francisco da Lapa de Rezar (Vale do Peruaçu, MG). Sementes de araticum foram encontrados durante as escavações da Lapa vizinha do Boquete.

### Sacolas e pau de cavar

O pau de cavar (para retirar do chão raízes e tubérculos) e a sacola são instrumentos ligados tanto à coleta quanto à agricultura.

Sacolas e cestas parecem ter sido representados particularmente na Tradição Nordeste. Algumas das pinturas mais claras foram encontradas no Rio Grande do Norte (sítio Xique-Xique 1, município Carnaúba dos Dantas) mas existem também antropomorfos que parecem levar uma sacola no braço em sítios do Piauí (Toca do Paraguai) e de Goiás. Neste último estado, o abrigo GOCP 33 de Caiapônia apresenta cestas e sacolas desenhadas mais detalhadamente, sugerindo a existência de vários modelos. Nos painéis da Tradição São Francisco, é frequente aparecer uma série de instrumentos alinhados; geralmente, trata-se de armas (propulsores e dardos) acompanhados por um objeto que pensamos inicialmente ser um maracá mas que, pelo contexto, poderia ser um pau de cavar com seu peso. Uma cena do abrigo GOCP 33 de Caiapônia mostra uma figura antropomorfa rodeada por instrumentos ligados a coleta e ao preparo dos vegetais, um dos quais interpretamos, novamente, como pau de cavar. Devemos no entanto frisar que nenhum peso de pedra foi, até agora, encontrado nas escavações no Brasil.

## 2) Vegetais cultivados

Apenas em Minas Gerais e Goiás encontramos representações de plantas provavelmente cultivadas.

No vale do Peruaçu, pinturas de raízes e tubérculos aparecem em vários abrigos. Uma primeira forma, aparentemente associada à Tradição São Francisco, lembra *Manihot* sp (Lapa do Piolho do Urubu). Outra forma, talvez mais recente evoca raízes (Lapa do Boquete) enquanto a Lapa dos Bichos apresenta provavelmente raízes de mandioca. Figuras de Caiapônia também evocam raízes comestíveis.

Na região de Lagoa Santa, os abrigos Rei do Mato e Lapa Vermelha I bis evidenciam representações de *Dioscorea* (cará) ou *arachis*.

Arqueologicamente, os sítios pré-históricos do Peruaçu, particularmente a Lapa do Boquete, forneceram numerosos restos alimentares, inclusive de mandioca amarga.

Uma pintura do sítio GO CP 16 (Goiás) parece representar um pé de mandioca. Provavelmente possa ser atribuída à Tradição Nordeste.

Ainda no vale do Peruaçu, encontramos representações de pés de milho, formando alinhamentos; são pintados (Lapa dos Desenhos) ou gravados (Lapa do Malhador) e sempre acompanhados por representações de coqueiros.

Em razão da presença inquestionável de representações de pés de milho, começamos a desconfiar da possibilidade de algumas figuras do Peruaçu serem espigas (Janelão e Rezar).

Encontramos milho pré-cerâmico no abrigo de Santana do Riacho (Serra do Cipó em contexto pré-cerâmico e, mais recentemente, nos sítios do norte de Minas Gerais (Peruaçu).

### 3) A preparação dos alimentos

Pinturas tardias das Tradições São Francisco (no Peruaçu) e Nordeste (em Goiás) parecem representar instrumentos de preparação alimentar.

Na Lapa do Malhador, duas figuras do painel XII são certamente **tipiti**, as prensas de trançado vegetal para retirar o suco venenoso da mandioca amarga.

Neste mesmo abrigo e na Lapa do Caboclo, outras figuras tardias poderiam ser potes de cerâmica no fogo. O vasilhame da Lapa do Caboclo apresenta uma decoração interna que podia sugerir a cerâmica tupiguarani. No entanto, nenhum caco desta cultura foi encontrado no abrigo durante nossas escavações (nem nos outros sítios do vale do Peruaçu acima do trecho navegável, o qual termina vários quilômetros a jusante). Parece portanto provável que a decoração da figura seja apenas devida às regras de elaboração das figuras do estilo Caboclo, a não ser que os indígenas tenham pintado seus potes com pigmentos vegetais que não se conservaram até hoje.

No estado de Goiás, algumas figuras "Nordeste" de recipientes com alças, próximas a representações de sacolas, parecem vasilhames de cerâmica; apresentam inclusive elementos que poderiam refletir uma influência europeia (tampa e bico para verter líquido).

No mesmo abrigo GO CP 33, dois grafismos evocam um pilão e sua mão, nas imediações de sacolas e do que interpretamos como um pau de cavar; o conjunto das figuras sintetizaria assim o processo coleta-transporte-processamento do alimento vegetal.

### CONCLUSÕES

Esta revisão da arte rupestre brasileira mostrou uma grande variedade de desenhos que se referem a alimentação, embora as figuras claramente ligadas a caça, pesca, coleta vegetal ou preparação alimentar sejam quantitativamente pouco expressivas. Alguns conjuntos rupestres não forneceram nenhuma informação: é o caso dos sítios rupestres que apresentam exclusivamente gravuras, dos estados meridionais desde Rio Grande do Sul até São Paulo, embora haja animais sugeridos pela representação de suas pisadas. As tradições de gravuras do Nordeste e de Goiás tampouco contribuíram para nosso estudo; talvez, em razão da maior dificuldade em realizar o picoteamento, as gravuras tivessem sido feitas de maneira mais alusiva, através de geometrismos simbolizando os objetos e os seres animados. No entanto, não acreditamos muito nesta explicação, mesmo porque os portadores da Tradição São Francisco não recuaram diante do trabalho para executar gravuras naturalistas na região de Montalvânia (MG).

Devemos, pois, reconhecer, que a representação da procura alimentar ficou restrita a poucas tradições rupestres, que a representam cada uma, de maneira diferente.

A Tradição Planalto, que privilegia as representações zoomorfas, concedeu um espaço limitado à caça (10% dos 123 zoomorfos de Cerca Grande aparecem claramente como objeto de perseguição), evocando-a de maneira discreta, sobretudo pela presença de uma possível armadilha, ou de um dardo nas costas do animal (quase sempre, um cervídeo). Embora raríssima, a pesca é mostrada desde o Paraná até Minas Gerais.

A Tradição São Francisco, pouco interessada em representar os seres animados, nos brinda com figurações de instrumentos de captura e preparação dos alimentos, dando um espaço para os vegetais silvestres e, talvez, raízes cultivadas. A Tradição P. Urubu que sucede à São Francisco no Peruaçu, multiplica as representações de vegetais privilegiando as representações de coqueiros e de milho cultivado.

A Tradição Nordeste, preocupada em flagrar cenas da vida cotidiana e dos rituais, raramente mostra cenas de caçada e mesmo assim, retrata sobretudo a "captura manual"; ora, é legítimo desconfiar que este tipo de figuração possa referir-se a uma história mitológica e não a uma técnica normalmente utilizada na vida real; em compensação, a coleta vegetal (e, talvez, a agricultura) são claramente evocados; nos estados do Nordeste, são antropomorfos carregando cestas ou sacolas; no vale do Peruaçu, a coleta aparece mais ligada às palmáceas, enquanto em Caiapônia, aparecem, embora raramente, a mandioca e as cactáceas.

Estes resultados animadores nos encorajam a pesquisar outros temas ligados à tecnologia indígena, como instrumentos em geral, barcos, indumentária e cestaria, que, todos, parecem representados na arte rupestre, particularmente no Brasil Central e nordestino.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos C. Luce por suas informações sobre a arte rupestre da Bahia.

**ABSTRACT:** Brazilian rock art shows some gathering, hunting, fishing scenes and even details regarding upon the instruments that are used to prepare food. In "Planalto Tradition", some wounded animals are surrounded by small schematized anthropomorphic figures; there are also putative traps representations; people fishing with nets or lines are pre-sent; though uncommon. In "Nordeste Tradition" hand caught little animals and dart wounded bigger ones can be seen. Spear throwers are common in "São Francisco" and "Nordeste" paintings, but bow and arrows don't appear in Brazilian rock art.

Vegetal gatherings and farming is suggested in Peruaçu and Caiapônia drawings: edible roots and tubercles (as manioc), indian corn, palm trees, cactus, annonaceae etc... Both S. Francisco and Nordeste Traditions show instruments as gathering sticks, baskets, pestles and mortars, manioc press tipiti and ceramics.

Would these rather rare types of drawings depict daily reality, or the Ancestral Times, when mythologic heroes were teaching Man how to rule the wild Nature, inventing crafts and crops?

PROUS, A. Alimentação e "Arte" rupestre: nota sobre alguns grafismos pré-históricos brasileiros. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 6:1-15, 1991.

## BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, A.

1986 - "A Tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco" *Clio*, UFPe, 8: 7-98, il.

ANTHONIOZ, S.; COLOMBEL, P. & MONZON, S.

1978 - "Les peintures rupestres de Cerca Grande" *Cahiers d'Arch. Am. Sud.*, d 6, Paris, 303 p. il.

AYTAI, D.

1970 - "As gravações rupestres de Itapeva" *Rev. Un. Cat. Campinas*, 14 (33) 29-61, il.

BAIETA, A.M. & PROUS, A.

(no prelo) "Arte rupestre del Vale del Rio Peruaçu" *Atas dos 3º Simp. Intern. de Arte Ru-pestre*, SIARB, Santa Cruz de la Sierra, 1991.

BIGARELLA, J.J.; BELTRÃO, M. & TOHT, E.

1984 - "Registro de fauna na arte rupestre: possíveis implicações geológicas" *Rev. Arqueol.*, Belém, 2 (1): 31-37, il.

BLASI, O.

1972 - "Cultura do índio pré-histórico. Vale do Iapó-Tibagi - PR" *Arquiv. Mus. Paranaense Curitiba*, 6: 1-22, il.

CONSENS, M.

1981/82 "Arte rupestre no Piauí. Alguns problemas prévios à sua análise morfológica" *Arquiv. Mus. Hist. Nat. UFMG*, Belo Horizonte, 6/7: 3650-77.

GUIDON, N.

1975 - "Les peintures rupestres de Várzea Grande, Piauí, Brésil" *Cahiers d'Archéol. Amér. Sud.*, 3 Paris, 174 p. il.

LAMING, A. & EMPERAIRE, J.

1968 - "Descobertas de pinturas nos planaltos paranaenses" *Rev. do CEPA*, Curitiba, 1: 88-93, il. (Trad. do artigo original em francês publicado no *Journal de la Soc. Améric.* Paris 1956).

LIMA, M.; GUIMARÃES, C.M. & PROUS, A.

1989 - "Os grafismos tipo Nordeste no Vale do rio Peruaçu" *Dédalo*, São Paulo, publ. avulsas 1 313-321.

MARTIN, G.

1982 - "Casa Santa: um abrigo com pinturas rupestres do estilo Seridó no Rio Grande do Norte" *Clio*, Recife, 5: 55-82, il.

MONZON, S.

1983 - "Analyse des traits d'identification. Etude d'un cas: La Toca da Entrada do Baixão da Vaca" *Études Amér. Interdisc.*, EHESS Paris, 2: 36-57.

OUEL-ROSS, L.

1985 - "La notion de sous-tradition appliquée à un site d'art rupestre: La Toca do Salitre" *Études Amér. Interdisc.*, EHESS, Paris, 4: 57-92.

PESSIS, A.M.

1989 - "Apresentação gráfica e apresentação social na Tradição Nordeste de pintura rupestre pré-histórica do Brasil" *Clio*, UFPe, série arqueológica, 5: 11-18, il.

PROUS, A.

1977 - Relatório de prospecções realizadas no município de Montalvânia" *Arquiv. Mus Hist. Nat.*, Belo Horizonte, 2: 67-118, il.

PROUS, A.

1989 - "Arte rupestre brasileira: uma tentativa de classificação". *Revista de Pré-História USP*, São Paulo, 9-33.

SCHIMTZ, P.J.; RIBEIRO, M.; BARBOSA, M.O. & MIRANDA, A.F.

1986 - "Caiapônia - Arqueologia nos cerrados do Brasil Central", publ. avulsas, Instit. Anchieta. Pesquis., São Leopoldo, 8, 334 p. il.




SEDA, P. & ANDRADE, G.

1989 - "As representações zoomorfas da arte rupestre da Serra do Cabral: uma tentativa de identificação e classificação taxonômica" *Dédalo*, São Paulo, publ. avulsas, 1: 343-361.

MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS PRINCIPAIS TRADIÇÕES RUPESTRES



LEGENDA

-  TRADIÇÃO PLANALTO
-  TRADIÇÃO SÃO FRANCISCO
-  TRADIÇÃO NORDESTE